

## “PESQUE” EM ÁGUAS MAIS PROFUNDAS!



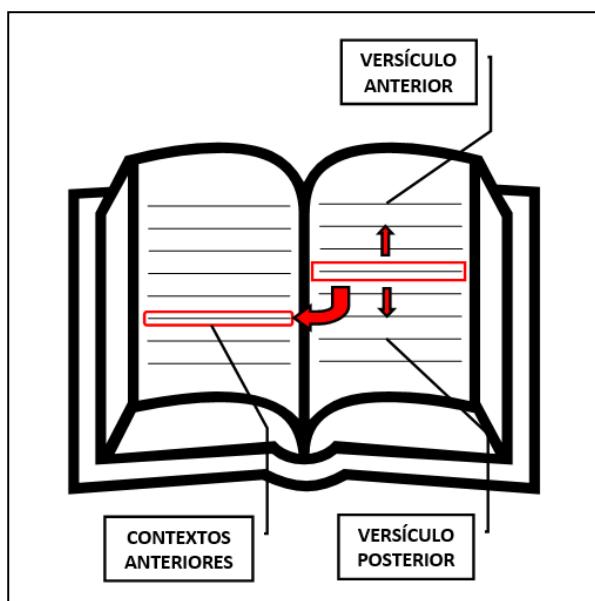
“Tendo acabado de falar, [Jesus] disse a Simão: **‘Vá para onde as águas são mais profundas’**, e a todos: **‘Lancem as redes para a pesca’**.” (Lucas 5.4 – Nova Versão Internacional)

No contexto da passagem bíblica acima citada, Simão (Pedro) – um dos discípulos do Senhor Jesus – se esforçou a noite inteira em sua atividade de pescador, mas não conseguiu apanhar um único peixe (cf. Lucas 5.5). O Senhor Jesus, então, mandou que Simão

lançasse as redes em **águas mais profundas**. O resultado foi que Pedro pegou uma quantidade tão grande de peixes que as redes começaram a rasgar-se (cf. Lucas 5.6). Foi necessário que Simão fizesse sinais para que outro barco o ajudasse. Ambos os barcos ficaram tão cheios de peixes que quase começaram a afundar (cf. Lucas 5.7).

Se fizermos um paralelo entre a narrativa bíblica que acabamos de ler e a dificuldade que normalmente encontramos quando estudamos textos mais complexos das Sagradas Escrituras, veremos que há semelhanças.

Assim como Simão passou a noite inteira sem pescar nada, muitas vezes nós, quando procuramos “pescar” uma compreensão mais ampla do conteúdo de um determinado texto bíblico, em que *“há pontos difíceis de entender”* (cf. 2Pedro 3.16), nos deparamos com áreas de conhecimento inacessíveis, que tornam inúteis todas as nossas tentativas de interpretar corretamente o texto sagrado.



Em momentos assim – a exemplo do que fez Simão – é necessário que *“pesquemos em águas mais profundas”*.

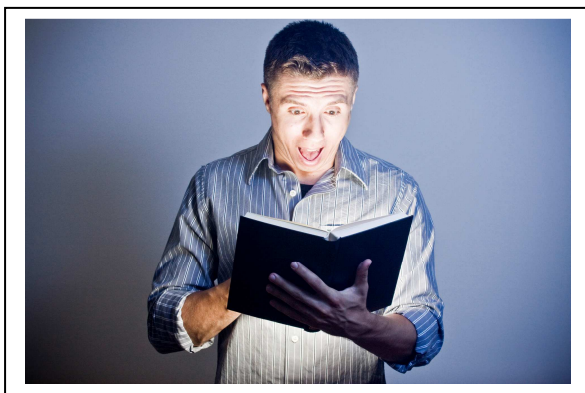
Em primeiro lugar, precisamos respeitar o **contexto literário** da passagem bíblica. Isso significa que que **as palavras somente fazem sentido dentro de frases** (chamadas de parágrafos) ou **perícopes** (trecho do texto que possui uma ideia completa), e, na sua maior parte, as frases na Bíblia somente têm significado em relação às frases anteriores e posteriores. O texto deve ser interpretado através do conjunto das

Escrituras e nunca através de textos isolados. De forma que, embora a ideia da “Caixinha de Promessas” seja uma exposição constante às promessas seguras da Palavra de Deus, ela não deve ser encorajada uma vez que ensina a ler textos de maneira isolada da grande história da Bíblia. E como bem sabemos, **texto fora do seu contexto é sempre pretexto para a construção de heresias**. De forma que um determinado texto não pode significar o que ele nunca significou.

A Bíblia é compreensível dentro dos seus próprios termos e é seu intérprete mais fiel. Ela deve ser interpretada no sentido literal ou pretendido pelos escritores como prosa, poesia, tipologia, literatura apocalíptica e assim por diante. A primeira tarefa do intérprete é ouvir a Palavra de Deus conforme é dada, por meio da pluralidade os escritores bíblicos, e compreendê-la de tal maneira que possa interpretá-la fielmente para outras pessoas.

A tarefa da exegese<sup>1</sup> é a recuperação do *sensus literalis*, o significado literal ou natural do texto, que envolve o uso correto de ferramentas linguísticas e do método histórico, tradicionalmente conhecido como método “histórico-gramatical”. O propósito desse método é descobrir o que o escritor bíblico disse e deve ser distinguido do método histórico-crítico mais especulativo, que visa descobrir a intenção do autor. Ao procurar distanciar-se do texto, o intérprete buscará, de modo crítico, deixar que seu pré-entendimento seja corrigido pelo próprio texto, reconhecendo sua autoridade objetiva e harmonia interna.

Não podemos nos esquecer que os livros bíblicos, ao serem escritos, eram textos corridos e não possuíam divisões em capítulos e versículos. Não possuíam nem mesmo subtítulos (que muitas vezes atrapalham a correta compreensão do texto). De acordo com o teólogo Grant R. Osborne, a divisão da Bíblia em versículos e capítulos nunca foi objeto da inspiração divina. O fato é que a Bíblia não tinha versículos antes de 1551, quando um editor parisiense chamado Stephanus dividiu a Bíblia em versículos. Foi um trabalho que levou seis meses, período em que divulgava sua mais recente versão grega. Conta-nos a tradição que Stephanus realizava esse trabalho enquanto cavalgava, e as divisões



foram resultados dos solavancos de sua peona enquanto o cavalo chacoalhava! Acontece que a versão de Stephanus ganhou tanta popularidade, que ninguém se atreveu a modificá-la, e suas divisões permanecem até os dias de hoje.

Embora a divisão da Bíblia em versículos e capítulos esteja longe da perfeição, as pessoas tendem hoje a pressupor que as decisões de

Stephanus foram acertadas, e interpretam versículos e capítulos fora do contexto que os cerca. A

---

<sup>1</sup> **Exegese.** Do grego εξαγειν (*exagein* = “guiar para fora”). Significa, literalmente, “arrancar para fora do texto” os pensamentos que o escritor tinha quando escreveu um determinado documento.

divisão em versículos e capítulos facilita a procura e a leitura, mas não deve ser utilizada como guia para delimitação do pensamento do autor. Jamais devemos nos basear em divisões de versículos na busca do significado de um texto. Muito mal tem sido feita esta forma de divisão a uma honesta interpretação da Bíblia, pois dá a impressão de que cada versículo é uma entidade de pensamento separado dos versículos anteriores e posteriores. Por causa disso, vários versículos “famosos” da Bíblia têm sido citados a exaustão pelos leitores da mesma, mas quase sempre desassociados do seu contexto original. Entre alguns exemplos podemos citar: Josué 24.15, Mateus 16.18, Mateus 18.20, Apocalipse 3.20, entre outros. De modo que todo estudioso comprometido em extrair apenas verdades eternas, contidas nas Sagradas Escrituras, precisa fugir a todo custo da prática do conceito de **biblicismo**<sup>2</sup>. O parágrafo é a chave para a sequência de pensamento nos livros bíblicos.

A verdadeira interpretação bíblica necessita que utilizemos óculos “**vermelhos**”, que servem para “**ver melhor**”, e entender o que realmente o texto bíblico significa. De outra forma, os textos bíblicos podem ser forçados a significar qualquer coisa para quem estiver lendo. Às vezes essa missão se torna um pouco complicada. Isso porque a maioria de nós está acostumada a usar óculos “**verdes**”, que servem para “**ver de qualquer jeito**”, sem o interesse de realmente descobrir qual é o verdadeiro significado do texto bíblico que está sendo estudado.

Respeitar o contexto literário é importante porque com a leitura de um texto começa automaticamente o processo de compreensão. O leitor atribui às palavras o sentido por ele conhecido (subjetivo). Ninguém faz a leitura de um texto de forma imparcial, neutra, isenta de pressupostos. Todos nós, ainda que inconscientemente, fazemos uma leitura interpretativa de tudo aquilo que lemos. Todavia, a primeira leitura não garante que a compreensão seja exata, havendo o risco de incompreensão total, parcial e equívocos.

Em segundo lugar, precisamos compreender de forma plena a ação do Espírito Santo no que se refere à “iluminação” – do grego φωτίζω (*phōtizō* = “dar luz, brilhar”; usado metaforicamente acerca de “esclarecimento” espiritual, cf. Efésios 1.18; Hebreus 6.4; 10.32), isto é, a maneira como o Espírito Santo “*nos ensina todas as coisas*” (cf. João 14.26).

Ainda que o Espírito Santo seja o intérprete da Palavra de Deus (cf. 1Coríntios 2.12-13), faz-se necessária uma metodologia para a compreensão das passagens (cf. Neemias 8.8; Atos 17.11), sobretudo as de difícil interpretação (cf. 2Pedro 3.16). Ou seja, há uma parte que cabe ao homem na interpretação bíblica. É à medida que estudamos as Escrituras que o Espírito Santo vai nos fornecendo o entendimento espiritual. Nesse contexto, é preciso destacar o papel fundamental que a oração ocupa processo de interpretação de um texto bíblico.

---

<sup>2</sup> **Biblicismo.** É o uso popular de um texto bíblico, arrancando-o do seu contexto, para lhe dar uma significação que não é bíblica, de forma que a Bíblia passa a ser tratada como se ela fosse uma coleção de textos soltos, não vendo cada texto no contexto do capítulo, do livro, do Testamento e da Bíblia inteira.

O Espírito Santo nos ilumina durante o nosso processo de compreensão das Escrituras. Porém, **toda iluminação gera sombras**. O pecado, no qual fomos gerados, não apenas nos atacou moralmente, como ele também nos limita epistemologicamente<sup>3</sup>, afetando o nosso raciocínio, a nossa lógica, a nossa capacidade de entender. E por causa dessa nossa natureza caída, manchada pelo pecado, quanto mais o Espírito Santo nos ilumina, mas precisamos da Sua luz. A cada nova sombra que surge, a cada nova dúvida ou incompreensão, um novo feixe de luz do Espírito precisa ser lançado. Com isso aprendemos que Deus não trabalha apesar da razão, mas com a razão. Do contrário, “**Jesus**” (o que Ele é) pode se transformar em “**Gezuz**” (o que Ele aparenta ser aos nossos olhos), onde a fonética das palavras pode até ser a mesma, mas o conteúdo que elas representam, é bem diferente.

Em terceiro lugar, precisamos ter em mente que todo aprendizado envolve o raciocínio. É necessário que o leito se envolva mentalmente com o texto bíblico que está sendo estudado. Ninguém aprende a dirigir um automóvel apenas ouvindo alguém dizer como se faz, sem se envolver com o mesmo. Da mesma forma ninguém aprende a interpretar uma passagem bíblica, apenas ouvindo informações sobre ela por parte de alguém. Para que haja aprendizado, é necessário que “mastiguemos” as informações que possuímos, fazendo uso dos nossos “dentes do cérebro”. Além disso, todo aprendizado envolve uma trajetória que vai do conhecido para o desconhecido. Não adianta estudarmos sobre a fuga do povo de Israel do Egito, se nem ao menos soubermos o porquê desse povo ter estado lá.

Sempre tenha em vista o contexto da passagem bíblica que está sendo estudada. Leia o que está antes e o que vem depois para concluir aquilo que o autor tinha em mente. Primeiro procure o sentido literal do texto, a menos que as evidências demonstrem que este é figurado. Leia o texto em todas as traduções possíveis – antigas e modernas. Muitas vezes uma destas traduções nos traz luz sobre o que o autor queria dizer. Apenas um sentido deve ser procurado em cada texto.

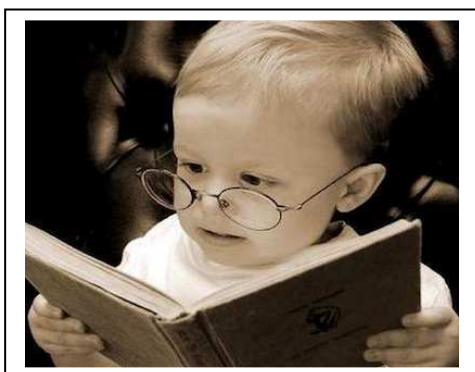
O trabalho de interpretação de um texto bíblico é científico, por isso deve ser feito com isenção de ânimo e desprendido de qualquer preconceito (o que poderíamos chamar de “achismos”). Terminado o trabalho, se o resultado obtido contrariar os princípios fundamentais da Bíblia, ele deve ser colocado de lado e o exercício de interpretação recommençado novamente.

Lembre-se: não há **impossibilidades** bíblicas, mas **dificuldades** bíblicas. Como vimos no início deste estudo, o apóstolo Pedro afirma que nos escritos bíblicos – principalmente nas cartas do apóstolo Paulo – há “*pontos difíceis de entender*” (cf. 2Pedro 3.16). Ele não diz que há pontos “impossíveis de entender”. Não há nada nas Sagradas Escrituras que seja plenamente obscuro e nos impeça de “*crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo*” (2Pedro 3.18).

---

<sup>3</sup> **Epistemologia**. Estudo dos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico, ou das teorias e práticas em geral, avaliadas em sua validade cognitiva, ou descritas em suas trajetórias evolutivas, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade e a história. (Dicionário Houaiss)

Para finalizar, vale a pena citar um dado importante, mas que faz toda uma diferença no nosso processo de aprendizado:



O doutor William Glasser (psiquiatra e psicólogo especializado em educação, aconselhamento e negócios) realizou uma pesquisa a respeito do aprendizado. Glasser constatou que nossa taxa de assimilação varia amplamente, dependendo da forma como a informação é transmitida. Segundo suas estimativas, nós nos lembramos de: 10% daquilo que **lemos**, 20% daquilo que **ouvimos**, 30% daquilo que **vemos**, 50% daquilo que **vemos e ouvimos**, 70% daquilo que **discutimos/debatemos** com os outros, 80% daquilo que **experimentamos** pessoalmente e 95% daquilo que **ensinamos** a outra pessoa.<sup>4</sup> Em outras palavras, aprendemos melhor quando discutimos o assunto que está sendo estudado com os outros, pensamos juntos a respeito desse assunto e analisamos se a síntese que fizemos do mesmo está certa ou errada. Esse é o caminho para o sucesso no aprendizado!

## BIBLIOGRAFIA

FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. *Entendes o que lê?: Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. 330 p.

\_\_\_\_\_. *Como ler a Bíblia livro por livro: Um guia de estudo panorâmico da Bíblia*. Trad. Thomas Neufeld de Lima e Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2013. 527 p.

HENDRICKS, Howard G. & HENDRICKS, William D.. *Vivendo na Palavra*. 3. ed. São Paulo: Batista Regular, 2007. 312 p.

HENRICHSEN, Walter A.. *Métodos de estudo bíblico*. Trad. Odair Olivetti. 7. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1997. 120 p.

LAHAYE, Tim. *Como estudar a Bíblia sozinho: Instruções práticas para o estudo sistemático e fascinante da Palavra de Deus*. 5. ed. Belo Horizonte: Betânia, 1984. 160 p.

NICHOLLS, Bruce J. *Contextualização: uma teologia da Evangelho e cultura*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2013. 95 p.

OSBORNE, Grant R.. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. Trad. Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. 767 p.

<sup>4</sup> BAKKE, Dennis W.. *Empresa estimulante, equipe atuante: como criar um ambiente de trabalho mais feliz, com resultados mais lucrativos*. Trad. Torii Bate. 2. ed. São Paulo: Editora Gente, 2006. 91 p.